

ERGOS

MEDITAÇÕES

DA

SEMANA SANTA

ESTE LIVRO É PUBLICADO
COM O CONSENTIMENTO DA
FRATERNIDADE BRANCA UNIVERSAL DO
ARCHANJO MICKAEL
1968 - 2011

DODECÁLOGO DA LEI DA NOVA ERA

I

Ama a Deus de quem tudo recebes.

II

Ama o homem que é uma parte de ti no Todo.

III

Ama o teu corpo que é a expressão fatal da Suprema Vontade Criadora.

IV

Ama o espírito que é a Luz Divina, partícipe do Absoluto.

V

Ama a vida que é a manifestação do amor de Deus pelas Suas criaturas.

VI

Ama também a morte porque nela encontrarás a luz do EU SOU e a realidade do eterno existir.

VII

Ama a luz, a sombra e as coisas criadas que fazem parte do ciclo da tua vida.

VIII

Ama o bem e compreende o mal Para superá-lo.

IX

Ama a dor e sabe sofrer em nome de Deus.

X

Sabe viver e morrer; não odeies; sê humilde, simples, bom e generoso; vitorioso só e sempre sobre ti mesmo.

XI

Sê juiz apenas das tuas ações; somente a Deus compete julgar.

XII

Desperta em ti a origem da tua divina personalidade.

ERGOS

DOMINGO DE RAMOS

Com o Domingo de Ramos tem início o simbólico e doloroso período no qual, há dois mil anos, se cumpria o destino de Jesus. Por Ele se tinham aberto as profundidades dos céus; por Ele, Filho de Deus, emanção do Logos, a Cruz, símbolo solar da vida, surge, e por Ele a vida crucificada pode redimir-se e ressurgir no Verbo manifestado.

Por isso, em cada ano, esta semana, iniciando-se com a celebração de um triunfo, assume um significado especial e oculto que repercute no plano de vida com vibrações cada vez mais amplas.

No Domingo de Ramos comemora-se a entrada de Jesus em Jerusalém. Naquele dia, aclamado como Filho de David, o Triunfador do Espírito recolheu em torno de si, com a glória humana, tudo o que é vão e ilusório.

Quanta tristeza abrigava em Seu coração sabendo quão efêmera era a aparência daquele poder que Lhe atribuíam! Imperiosamente o passado, o presente e o futuro pediam, em altos brados, que o destino do mundo e da Humanidade se cumprisse através dEle, pastor e cordeiro ao mesmo tempo, e consciente do próximo sacrifício, para o mesmo se havia preparado de corpo e alma. Esperava, porém, que se limitasse somente à luta áspera e terrível desencadeada pelo ódio dos fariseus.

Um Anjo luminoso sempre se apresentava em Seus êxtases, um Anjo que O guiava pelos caminhos sobre-humanos da lembrança. Identificando-se, então, com a Inteligência Divina, com a inexprimível força dos destinos, com a imagem do Verbo e do conhecimento, Ele, abraçando com o espírito o mundo do qual se sentia senhor e para o qual afrontava a árdua missão, se via e se reconhecia nas Suas descidas anteriores.

Para vencer, entretanto, teve de identificar-se com a Humanidade e com a sua dor, com a sua alma, pequena parte da alma do mundo e, com seu Espírito, centelha divina da mônada imortal que dEle esperava o segredo da sua essência suprema para reconhecer-se em Deus.

Naquele dia, aclamado pela multidão delirante de Jerusalém, sentia-se só, só com o Seu martírio secreto, martírio iniciado entre as montanhas azuis da Galiléia natal, que a glória não aplacava.

Um furacão esplendia no Seu íntimo. A fonte ainda imperscrutável Lhe enviava força sobre-humana enquanto a mensagem da suprema realidade Lhe era transmitida por Gabriel, o Anjo que havia anunciado a Maria o profundo mistério da Sua geração espiritual da qual dependiam os destinos da futura Humanidade.

Gabriel, coração da segunda Trindade e, por isso, parte mais íntima do Espírito Cósmico, mensageiro da Voz Paterna, guiá-lo-ia no sofrimento e no martírio ao encontro do qual ia sofrendo, também, o mesmo calvário. Sofria, não pelo Cristo, que estava fora e livre da dor, mas por aquelas premissas profundas e necessárias à nova ascensão do espírito, iniciada no sangue e na morte de um Deus, que se derramariam sobre a Humanidade ignara e cruel.

Quando a Humanidade sofre tudo aquilo que o seu destino lhe preparou, os Anjos já viveram intensamente a sua tragédia, porque fazem parte do Todo.

Gabriel havia-lhe dito: "Hoje, vivendo a breve ilusão do humano triunfo, iniciaste o caminho para o Calvário da Vida e da Morte, onde recolherás todos os espinhos da Humanidade, a culpa de todas as culpas, o horror de todos os horrores. O Bem e o Mal estarão contigo no caminho da dor. O Bem estará à Tua esquerda e o Mal à Tua direita".

O Homem-Deus não imaginava qual fosse este Bem e este Mal que lhe estariam próximos e como ambos

pudessem participar da Sua dor e da Sua agonia. De qualquer modo, porém, devia ser assim.

No dia da Sua morte, de fato, o Bem à Sua esquerda (o coração) e o Mal à Sua direita (a ação) no mesmo Monte estavam ao Seu lado.

Três cruzes negras sobressaiam no céu de Jerusalém, três símbolos de vida e de morte, naquele Calvário, tinham presos em seus braços três criaturas a que havia invocado a Redenção, a do imprecante Pecador e, entre eles, a dolorosa e augusta do Filho de Deus.

Estas palavras, por si só, constituem já um profundo motivo de meditação e Eu vo-las disse somente para que possais recordar quão efêmeras e passageiras são as satisfações terrenas e como é indispensável a cada um viver sustentado por uma grande fé.

Em cada noite desta semana faremos uma meditação que vos fará reviver uma Era muito longínqua, próxima a encerrar-se, para que possais entrever os frutos de um novo futuro.

E agora, pronunciemos juntos estas poucas palavras:

"Ó Divino Jesus, ó Deus que Te fizeste homem por nós, sofreste, amaste e morreste, nós Te adoramos e Te veneramos, sofrendo Contigo o ciclo da Tua agonia".

SEGUNDA-FEIRA SANTA

Depois da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, simbolizando o triunfo do Homem-Deus na Humanidade, não é por acaso que falarei hoje da Mãe, segunda Pessoa da Trindade, Essência mais íntima do Espírito Santo, uma vez que nenhuma manifestação pode ser separada desta força criadora.

Dedicamos o Domingo de Ramos ao Filho, cuja apoteose representava o triunfo fulgurante da verdade Divina do Espírito do Pai na criação. Consagraremos o segundo dia da semana da Paixão à Mãe, símbolo humano da Sombra Incriada, a natureza da qual nasceram todas as manifestações que a Divindade quis realizar, transfundindo na alma da Terra as sementes do despertar. Assim sendo, em Maria, Mãe do Cristo, o Espírito Santo quis realizar o mistério do Filho de Deus com uma simbologia que se adapta perfeitamente à sua oculta realidade.

Maria encarnava Maya, a Sombra, o princípio divino que tudo dá para que a vida se manifeste na Vida perfeita e misteriosa de Deus, da qual é a alma Cósmica. No Apocalipse de João encontramos-La representada sob o aspecto da mulher combatida pelo dragão; a Sombra Divina e Incriada participa da emanção da natureza, da natureza-vida que guarda em seu seio alegria e dor e encerra em si mesma a vida e a morte e, no íntimo, o sentido oculto da evolução.

Malgrado o véu do esoterismo com o qual sou obrigado a cobrir esta sagrada exposição, tentarei ser o mais claro possível. Minha tentativa, porém, será vã se o vosso espírito não conseguir penetrar o fundo precioso destes mistérios, onde repousa o raio lúcido daquela Verdade. A revelação não pode sobressair unicamente das Minhas palavras, que

embora assumindo a tarefa de iluminar-vos, não tem por si só, a possibilidade de fazer-vos atingir o sentido mais profundo desta verdade.

Hoje, Segunda-feira Santa, exaltando a Segunda Pessoa da Trindade, apresento estes dois conceitos arcanos, fundidos num único, a fim de que o incompreensível se torne compreensível.

Maria deu luz a Jesus, e como a Sombra tinha em si a cadeia das sete dores da evolução, Ela trazia consigo as sete dores de toda a evolução da Era que surgia do Seu seio.

Como Mãe do Filho de Deus, na Sua manifestação, exprimia a parte negativa do Espírito Supremo, a Alma Cósmica do Ser Divino, cuja Vontade supera os confins da Vida, suscita-a para dar a Morte, concede a alegria para dar a dor, cria a carne para fazer sofrer o espírito.

Muito se tem procurado nos textos bíblicos, sem a conseguir, a explicação do mistério da concepção de Maria Virgem e Mãe, ao mesmo tempo.

Tentarei solucioná-lo com uma interpretação que vos será certamente nova.

Em Maria, descendente da tribo de Davi, se concretizavam as promessas das profecias e, por isso, o seu corpo imaculado pode ser o hermético instrumento da Sombra incriada, se assim se pode dizer, para que o veículo físico do Messias, gerado prodigiosamente, pudesse vir à luz.

A virgindade do corpo de Maria residiu no ato espiritual da concepção. Assim, a Sua imaculada concepção se realizou no instante em que o Seu seio recebeu do profundo dos tempos e dos espaços imperscrutáveis o influxo do Espírito Santo, para que se materializasse o invólucro precioso que o Espírito Divino devia permear.

Após haver realizado Sua missão, o Espírito Cósmico se separou daquele Corpo que, mesmo pertencendo à mãe de Jesus, representava a criatura que deveria ser somente mãe.

O segundo mistério grandioso, não explicado em texto algum, vos foi, em parte, revelado. Ele é muito mais profundo, mas Eu por ora não posso erguer outros véus. Entenderá quem puder entender.

E agora, Meus filhos, orai Comigo, meditai Comigo:

"O Mãe da Natureza! O Mãe de Deus! O Mãe de todos nós! Faze com que Teu hálito penetre em nosso íntimo e vivifique o nosso espírito a fim de que possamos atingir mais depressa a luz que Tu encerras!"

TERÇA-FEIRA SANTA

Meditaremos hoje sobre o terceiro mistério gozoso, o "Mistério da Sombra realizado em Maria".

Esta encarnou a Segunda Pessoa da Segunda Trindade terrena, simbolizada pelo Espírito Santo, pela Mãe, pelo Filho, porque a divina é constituída pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo.

Duas Trindades que originam por sua vez a Terceira Trindade.

Estamos, por isso, no umbral de uma nova concepção, de uma nova maravilhosa revelação.

Por que Jesus, abandonando aquela vida que Lhe pertencia no Reino dos Céus, devia descer no escuro seio da Genitora para combater, sofrer e morrer na Terra? Por que devia fazer convergir sobre Si todos os sofrimentos humanos? Como poderia a Sombra colaborar com a Grande Luz, a fim de que se atuasse a Obra criadora do Espírito Santo através da virgindade de Maria? É simples.

Os Arcanjos, Guias e Protetores da Humanidade desceram na Sombra para guiar e regular os ciclos evolutivos e operar para que o milagre se cumprisse.

Sua angélica virtude, compenetrada pela virtude do amor divino, refulgiu na humana consciência do Filho, e, em Mickael, Jesus encontrou a força, em Gabriel o amor, em Rafael a sabedoria. Em virtude disto, foi possível o Seu nascimento e a realização da Sua Obra.

À revelação, porém, falta ainda um anel: como operou a Luz na Sombra para que Ele pudesse ser concebido, vibrar e manifestar-se?

A Divindade, no estado dinâmico, torna-se o prenúncio gerador de "Si" na criação total da Sombra, e o Fogo celeste, manifestando a vontade agente confiada a Anael, Princípio elementar do Fogo Universal, teve a missão de materializar a apoteose da criação na geração do Espírito Santo.

No raio do Seu sol universal, Anael fez descer a centelha energética do Divino Corpo, e quando Gabriel se apresentou a Maria para anunciar-lhe o mistério do nascimento do Filho de Deus, irradiou, no seio da Virgem, a radiante luz daquela centelha que a iria envolver.

Este é o profundo conceito do divino Genesis: acendeu-se uma chama no céu; vibrou o pulsar de um coração; e a vida teve início.

O êxtase de Maria foi o êxtase sagrado, como sagrada foi a Sua gestação, desabrochada do palpitar da natureza

ao contacto daquele raio de amor depositado em Seu seio.

Foi como o soprar de uma tormenta sobre as Águas tranquilas de um lago.

Gabriel, porém, não visitou somente Maria. Uma centelha partida do mesmo centro fora depositada em Isabel, a fim de que se tornasse a mãe de João, o Precursor, que deveria batizar Jesus, o Messias, Profeta do novo Verbo.

O Fogo do Espírito Divino descera; o Fogo do Espírito Universal o acolhera nos limites dos seus céus; e o Espírito Santo, vibrando, permeou a substância: o mistério da Trindade se realizara.

A partir daquele momento, Deus se manifestava não somente como suscitador da vida, mas como a própria vida.

Esta noite, o Cruzeiro do Sul brilha com o mesmo resplendor de então, e a mesma luz percorre com a sua luz os mesmos céus.

E agora, orai intensamente Comigo:

"Espírito Divino da tríplice expressão, através da eternidade dos séculos chega até nós e inflama os nossos corações como já o raio de Luz aqueceu o coração de Maria e fez palpitar o de Jesus. Assim seja".

QUARTA-FEIRA SANTA

A meditação desta noite nos leva a um plano todo diverso daquele de ontem, porque meditaremos sobre a vida e sobre a paixão do Messias.

Vimos, nos dias anteriores, como Jesus, descido da divindade, foi criado pela Sombra, gerado pelos Divinos Mensageiros que conduziram ao sagrado e imaculado seio de Maria a centelha de Anael, plasmado na matéria e vivificado pelo Espírito Santo.

Jesus, porém, tinha também necessidade de possuir um pai terreno. Este pai devia representar, no plano físico, a positividade negativa da Sombra, participando também da Sombra. Mesmo sendo longínquo reflexo da Luz, ele fazia parte da Luz.

Na Terra, o Nada revestiu José no mistério da humildade porque ele, apesar de forte na sua personalidade, devia, necessariamente, ser impessoal para receber, nos braços, a criatura da qual, humanamente, ignorava a origem divina.

Não obstante haver sido avisado por Gabriel do extraordinário nascimento, não podia saber que luz se ocultasse no Filho, que acontecimentos misteriosos lhe confiaram. E mesmo sabendo não ser o artífice daquela paternidade, sentia-se um verdadeiro pai, feliz por guiá-lo na vida. Na realidade ele era somente o aspecto terreno da Obra, o simbólico pai humano, que se identificava em Anael, Pai universal.

Por ora, nada mais vos posso revelar. Há um véu que não devo levantar. Seria o mesmo que vos fazer mergulhar num mar infinito de luz, em cujo esplendor vos perderíeis.

Jesus viveu, pois, entre a sombra terrena e a luz terrena, não obstante haver sido gerado da Sombra e da Luz divinas. Três poderes, três corpos: Jesus, José e Maria. As palavras têm um significado oculto, e no seu profundo e mais secreto sentido velam sempre o equilíbrio que, ligando-se à imensa cadeia dos efeitos, jamais poderá, ser perturbado.

Até aqui falamos da vida supra-terrena de Jesus, a vida Daquela que devia ser a semente fecunda da Segunda Era.

Uma doçura infinita brilhava no Seu olhar e iluminava a ascética figura do Messias. Os olhos profundos, cheios de uma luz sobre-humana de bondade, refletiam a profundidade dos céus, enquanto a Sua mente se abria aos esplendores da consciência divina.

Caminhou pelas estradas da Terra para encontrar Aquele que, como Ele, descera para anunciar o Verbo que Ele encarnava. Desejou a sabedoria e conquistou a sabedoria; iniciou-se nos mistérios e conheceu os mistérios; retirou-se do mundo e viveu para o espírito preparando o pensamento da nova doutrina.

Entrou na água, não para purificar Seu puríssimo corpo, mas para consagrar, com um ato simbólico e místico, aquelas centelhas que Dele participavam, qual princípio vivente dos infinitos seres eleitos, dignos de vibrar na aura ardente da Sua Essência, ligados pelo poder solar da Sua centelha espiritual, o Athanor vivente da Sua natureza divina.

Passaram-se os anos, maturaram-se os acontecimentos. Os homens, no seu egoísmo, cada vez mais presos pela sede do poder, na ânsia de dominar e sufocar todas as fontes do espírito combateram o Seu ideal, como atacavam qualquer coisa que falasse da renovação ou procurasse demolir as velhas ideologias.

Os povos, esmagados pelo domínio dos tiranos, não cuidavam da sua alma em trevas, despedaçada no umbral da consciência, na busca vã, do templo perdido de Deus.

Estas eram as condições em que se encontrava a Humanidade quando Cristo deu início à Sua missão instituindo o rito do Batismo, símbolo que se liga à Segunda Era.

Foi necessária a purificação por meio da Água porque a Água, como a Sombra, é o segundo aspecto da vida manifestada.

Não quero entreter-Me, agora, sobre o que representa a Água. Fá-lo-ei em outro lugar e em outra ocasião. Prossigamos em nossa meditação.

Um dia, uma voz arcana impeliu Jesus à montanha. Imerso na paz imensa da natureza, ele meditou durante 40 dias e 40 noites. Da pureza e da serenidade dos céus, que dominavam os vales verdejantes, contemplou mais de perto, no olho aberto do azul infinito, o Olho Paterno. Sentiu o chamado inelutável da Sua missão; intuiu o divino prodígio da dor e compreendeu a Sua missão no mundo. E das límpidas alturas atingidas pelo Seu intelecto pode afrontar todas as tentações e vencê-las.

Em contacto com as maiores forças do espírito do Alto e da Luz, e as Inferiores e das Trevas, atingiu os dois extremos: tocou a vida e a morte; conheceu o destino da Sua vida e o da Sua morte. Apesar da juventude, como todas as juventudes, encheu o Seu coração não somente de fé, de esperança, mas, também de humanidade.

Quando desceu do Monte a prova estava terminada: Ele havia superado a Si mesmo. Mergulhado no sublime encantamento da Sua consciência, pareceu-lhe que a matéria havia perdido

todo o valor e, enquanto as coisas da Terra se tornavam transparentes, as dos Céus eram mais nítidas.

Com os poderes que o Espírito Santo Lhe concedera, curou, ressuscitou, cumulou de graças e perdoou aos que a Ele se voltavam com verdadeira fé e amor.

Tornou-se o Mestre e o Messias, em cujo olhar doloroso brilhavam o pensamento redentor e a luz do Seu amor.

Mas as sinagogas, vãos simulacros da Divindade, pululavam ainda de homens que profanavam a idéia de Deus suscitada por Moisés, e a inspiração superior dos divinos mistérios servia, em consequência, ao interesse material dos que governavam e orientavam as massas.

O templo, do qual havia expulsado os hebreus que o profanavam com suas mercadorias, era simples, comovente, nu. NU, como a alma humana quando desce no corpo do recém-nascido, e exprimia, na pureza do aspecto e nos sentimentos que despertava a idéia do Todo divino, porque custodiava o pensamento revelador dos grandes Patriarcas e dos sumos Profetas.

Amanhã prosseguiremos na nossa meditação, mas agora pensai no que vos disse e naquilo que não vos pude revelar. Amalgamai-vos com o vosso espírito na tragédia que muitos de vós já viveram por haver participado do cenáculo de Jesus; por havê-Lo amado, seguido, admirado, e por haverem sido um átomo solar da Sua preciosa substância.

De qualquer modo, estivestes presentes naquele tempo, seja material ou espiritualmente, por isso, vos peço três minutos de silêncio absoluto: elevai o vosso pensamento e entrai em contato com o divino Redentor.

QUINTA-FEIRA SANTA

Nesta noite, há dois mil anos, Jesus entre Seus discípulos, praticava, com a última ceia, o ato mais significativo e místico da Sua vida.

Durante o ágape da Páscoa, realizando simbolicamente o rito eterno da paixão, instituiu a Comunhão, isto é, a fusão da alma humana com Deus no ato sacrificial divino, ato no qual se encontram divindade e humanidade no mistério mais elevado e mais belo.

No símbolo maravilhoso de uma sobre-humana humildade, lavou os pés dos discípulos a fim de transmitir-lhes as energias capazes de exaltar o espírito de apóstolos e de mártires da idéia messiânica.

Era a suprema dádiva Daquela que se preparava para viver o ato culminante da Sua missão.

"Esta é a Minha carne, este é o Meu sangue; comei-a e bebei-o; eles serão alimento da vida eterna, ao qual transmito o sopro da redenção universal".

Depois, ao chamado do destino que se fazia cada vez mais imperioso, se retirou ao Horto de Getsêmani e, sob os suaves olivais, aguardou a hora fatal. Coube ao mais forte e ao mais fraco dos Arcanjos oferecer-Lhe, com o cálice, o mistério do Seu sacrifício.

Os símbolos do martírio, envoltos na luz radiante de amor do Arcanjo, estavam ali, e o Seu coração tremeu de profunda emoção : ***"Ó Pai", disse, "afasta de mim este cálice amargo, se Te é possível"***. O sacrifício, porém, não podia ser evitado porque Judas já o havia vendido.

Como descrever a dor da Sua carne torturada antes mesmo de ser submetida ao tormento físico da renúncia? Renunciava, assim, ao Seu divino poder e, com um ato de suprema humildade, renunciava à vida para oferecê-la em holocausto supremo à evolução humana. A dor infinita de todas as criaturas que Lhe pertenciam desde a eternidade O atormentava com seus invisíveis flagelos e por elas orava e suava sangue, o sangue daquelas centelhas vivas e palpitantes, conscientes da Sua divindade, que sofriam também antes de viver o horror do Seu drama, o drama de todas elas.

Superada a angústia de Getsemani, Judas Iscariotes veio e O beijou. Os 30 dinheiros por ele recebidos como prêmio da traição, exprimiam, simbolicamente, a Trindade sacrificada no Nada e no Todo.

Durante a última Ceia, Jesus havia admoestado Pedro: **"Também tu, Pedro, antes do levantar do sol, renegar-Me-ás três vezes!"** Logo depois, confirmando as palavras do Mestre, Pedro O negava, presa do medo que torna escravo o homem ao ponto de levá-lo a desconhecer a luz da Verdade e de fazer vacilar a segurança dos Seus princípios.

Em realidade, Pedro negando ser um discípulo do Nazareno, no terror de sofrer a mesma sorte, realizava simbolicamente a ação fatal da Humanidade através das Três Eras evolutivas.

Em cada Era, de fato, a divindade da vida é compreendida somente depois de haver sido negada, e Deus reconhecido conscientemente somente depois que o homem anulou suas paixões e superou o terror da morte. Porque o espírito, centelha aprisionada na pedra, só se revela sob o choque poderoso de forças contrastantes que, despertando-lhe a parte mais profunda, o põe em contato com o espírito vivente das coisas.

●

O mistério meditativo continua...

Nesta noite dolorosa Jesus é flagelado e coroado de espinhos. Diadema pungente, tortura atroz, símbolos humanos nos quais Ele encontrava a beleza suprema ao identificar-Se com a dor espantosa.

Golpeado pelo escárnio da soldadesca, insultado pelo ridículo, Ele, escutando a voz do Infinito, vibrava na suprema harmonia sacrificial; força, doçura, resignação e fê submergiam a Sua alma nas recordações celestiais da Transfiguração e Lhe apresentavam a luz de uma esperança sem limites.

O sangue escorria da frente de Jesus ao longo do Seu corpo torturado, mas o Seu olhar dolorosamente triste e sereno e a Sua boca doce e severa manifestavam mais a secreta angústia do espírito que o tormento físico, que era sofrido somente pelas centelhas energéticas materiais da Sua forma humana.

Herodes e Pilatos, dois poderes existentes como o positivo e o negativo, lançavam um contra o outro a responsabilidade da suprema condenação, como se o Profeta do Amor se houvesse transformado em um sol ardente sob cuja chama temiam queimar-se.

No dia do Seu triunfo, isto é, da Sua morte, Jesus se viu abandonado por todos aqueles que havia beneficiado, esquecidos do amor por Ele espalhado e com o qual havia curado suas chagas: os homens, aos quais não interessa o sofrimento alheio, mas apenas o que atinge a cada um, haviam transformado o Hosana "Glória ao Filho de Davi!" no grito "Crucificai-O!"

Era a apoteose do Mal suscitada pelos escribas fariseus que haviam instigado a massa bestial dos desiludidos, daqueles que, havendo pedido por curiosidade ou interesse uma graça sem a receber, consideravam Jesus um impostor. Para receber é necessário dar, e eles ignoravam que a graça é um dom sobre-humano que é necessário merecer.



Amanhã, com a Cruz nos ombros, Jesus subirá o Calvário.

Uma aurora vermelha como o fogo inflamará aquele Monte e, quando o dia surgir, Ele, com as mãos e pés sangrando, pregados naquele símbolo de vida, esperará a morte. O céu invisível do espírito se abrirá novamente para Ele, e esferas de ouro e azul, sulcadas por Essências luminosas, ofertar-Lhe-ão a Taça da vitória, enquanto o raio fulgurante com a sua ardente vibração retomará a vida.

Ele gemerá de sede e gritará: "**Tenho sede!**" E do mundo Lhe virão somente amarguras e fel. Mas, também, na Sua agonia, invocando o Pai:

"Ó Pai, Tu me abandonaste !" encontrou a força para dizer : **"Ó Pai, perdoa estas criaturas; elas não sabem o que fazem !"**

Da vida ressurgia a morte; da morte se elevava o espírito triunfante do Cristo e de Deus Cristo.

Digamos agora:

"Ó Deus! Ó Filho de Deus! Da cruz que tiveste como trono e da qual nos contemplaste com Teus olhos piedosos e pediste perdão para as nossas culpas, faze com que reconheçamos em Ti o grande farol da Luz divina. Assim seja."

Após esta noite, a agonia se inicia. Os sinos não tocarão. Amanhã viveremos a ressurreição espiritual do Cristo, desceremos com Ele aos Três Reinos para subir depois às alturas da Sua Luz.

SEXTA-FEIRA SANTA

Despertai nos vossos corações a recordação longínqua da Paixão Daquela que tanto amastes e procurai sentir ainda mais intensamente a hora dolorosa vivida naquele período no qual Deus, Anjos e homens confundiram suas lágrimas.

Aproximemo-nos com o pensamento daquele monte onde em uma trágica alvorada, há vinte séculos, uma cruz negra erguida para o céu rosado se banhava ao primeiro raio do sol que, com lágrimas do seu fulgor, palpitava com a mesma vibração esplendente da Cruz de estrelas há pouco desaparecida no horizonte.

Principiava a agonia do Homem-Deus.

Seus olhos sempre luminosos e serenos, sempre doces e dominadores, perdido seu magnético fascínio, apagado o ardor majestoso, voltados piedosamente para a turba sacrílega, pareciam contemplar o abismo da morte, onde as sombras daquelas criaturas perdidas, através do Seu sangue, alcançariam o batismo da redenção.

O espírito já se preparava para separar-se daquele corpo, para liberar-se novamente no espaço que Lhe pertencia. Ele, porém, não podia ainda abandonar as centelhas que compunham a forma física da Sua força divina. Não podia e não devia, porque a Sua missão

não era somente a de haver nascido, de profetizar, de haver mostrado Sua potência proclamando-se Filho de Deus para terminar depois Sua penosa jornada no Calvário. Bem outra, era a Sua tarefa: concluído o ciclo do Seu apostolado na Terra, ela abraçava os limites temporais e especiais do Cosmos; ia além da própria morte, e o Seu espírito, mesmo fora da vida, continuava a estar ligado àquela aparência de vida.

Do tempo eterno, lentíssimas, fluíam horas de agonia, e Ele se impregnou daquela dor que Lhe torturava as carnes agonizantes até que, após haver perdoado, com ato de suprema bondade, o ladrão que estava à Sua esquerda, ao lado do Seu coração, abandonou a forma que até então O havia revestido de humanidade. Pairou no espaço - gota de luz imersa na imensidade dos céus. O Filho do Homem estava morto!

A Mãe Natura pareceu rebelar-se; a Terra tremeu, o Sol paterno escureceu e as trevas envolveram o terror dos homens.

O azul desapareceu atrás de nuvens de pó levantadas pelo vento que ululava a sua desesperada revolta aplacada somente pelo pranto amargo dos Anjos.

Três Marias aos Seus pés, simbolizando a Mãe, a Virgem e a Pecadora. Estranho, três Marias. Se o mistério fosse analisado profundamente poderíamos chamá-las as três expressões de Maya.

Nenhum dos profetas, nenhum daqueles que antes ou depois do Cristo foram iniciados, conheceram o segredo desta expressão misteriosófica: era a Sombra nos seus três aspectos que se manifestava aos pés de Jesus, morto por amor à Humanidade, e vivo na Sua divindade.

As profecias se haviam realizado: a lança piedosa, abrindo o flanco sagrado, havia concluído a Tragédia e Ele, perdido o Seu céu, media o abismo.

Com a morte do Filho do Homem a missão de Jesus estava terminada, mas com a ressurreição do Filho de Deus, a de Cristo se iniciava.

O corpo, retirado da Cruz, jazia inerte e imóvel no seio de Maria dolorosa e soluçante, enquanto uma chuva persistente, espessa e miúda - pranto do céu - continuava a cair.

A simbologia continua.

Ele era novamente acolhido no seio da Sombra que o havia gerado.

Os Discípulos, depois de haverem lavado as chagas que sangravam, unguiram Seus membros, perfumaram Seus cabelos e, antes de depositá-Lo num sepulcro de pedra, O envolveram num cândido linho.

O sarcófago encerrou, tal como num escrínio hermético, a preciosa dádiva do céu.

Imerso nas trevas mais profundas, aquele corpo fisicamente morto, vibrava ainda intensamente.

Ondas de amor cintilavam em torno dissolvendo-O no etéreo plasma do astral sobre-humano; a Sua humana vitalidade se transformava lentamente, sem corromper-se, em energia luminosa, em esplendor e em poder.

Era uma chama incomparável, onde as centelhas divinas gozavam o seu paraíso e se inebriavam na encantadora força da qual lentamente se destacavam.

O Espírito de Cristo, então, descia aos abismos da matéria, tocava a fundo as limitações a fim de que a Sua luz a penetrasse e permeasse as camadas mais profundas, e a vida planetária sentisse o influxo divino e respondesse ao supremo chamado.

A Sua missão não estava terminada: Jesus não fora crucificado nem anulada a Sua obra, como acreditavam os escribas. A ilusão destes bem cedo desapareceria não somente no remorso que lhes corroeria as consciências com acúleos de fogo, mas frustrada pela resplendente realidade dos acontecimentos, que imprimiram na alma dos Apóstolos uma nova e mais radiosa esperança. Encerremos a meditação com estas breves frases:

"Ó sublime Filho do Homem, ó divino nazareno, no sepulcro que se abre eu quero sepultar os meus desejos, para que o meu espírito encontre suas asas para voar Contigo no céu de Engadi, no céu do Monte Tabor e conquistar aquelas preciosas virtudes que permitam ao meu espírito ressurgir daquele túmulo, puro e esplendente farol de ressurreição da grande Luz. Assim seja."

SÁBADO SANTO

Jesus não mais existia. As negras asas da parca mortal haviam anulado para sempre a idéia messiânica e triunfado sobre o Homem Divino, sobre o Filho de Deus.

Seria possível? Assim parecia! Herodes e o Sinédrio exultavam apesar de um senso de temor desesperado vibrar em suas almas e na daqueles que O haviam condenado. No fundo, porém, por que esse medo, por que essa aura de incerteza por um acontecimento já decidido e definido segundo o seu desejo, se o Cristo, o

Iniciado, o Profeta, o Messias não existia mais entre os vivos, e por isso mesmo não era mais temível? A quem deviam prestar conta de seus atos se eles representavam a Lei, eles mesmos eram a Lei?

Por que aqueles espasmos que torciam seus corações se o inimigo estava morto e seu corpo dilacerado jazia imóvel no túmulo selado *in eterno* por uma pesada pedra? Seria talvez o próprio peso da pedra colocada sobre aquele túmulo que oprimia seus corações mais duros que o mármore? Quem sabe? É tão difícil dizer o que se pressentia no ar naqueles trágicos dias, mas Jerusalém parecia haver perdido a sua alma e naquela atmosfera que se estagnava pesadamente como dominada por uma ameaça, o povo se movia silenciosamente.

Escondidos nas grutas do Monte das Oliveiras, em Getsemani, em Emaus, em Belém, em Betânia, os Discípulos não tinham mais força de pensar, de falar. A dor era por demais atroz e os sufocava como sob um grande peso, enquanto lágrimas ardentes como chumbo líquido cavavam um sulco de sofrimento nas suas faces abatidas.

Ó Senhor, Senhor, que foi feito de Ti? Que tortura Te foi infligida, inocente, Anjo Divino e Cordeiro Humano? Como poderá, a Humanidade resgatar da pedra onde agonizaste e da Via Crucis que percorreste o trágico rastro do Teu sangue precioso?

E Tu, Mestre, talvez viveste, fazendo viver também aos Teus discípulos, o sonho maravilhoso da divina bondade e do divino amor para que fosse destruído, fosse rachado ao primeiro choque como um límpido cristal sem consistência? Ou, talvez, tudo o que nos dizias era uma ilusão sem ideal?

Que será de nós que Te seguimos e Te amamos, mas não temos a coragem de estar junto de Ti na hora

suprema? Que será de nós que titubeamos e Te negamos no momento em que mais tinhas necessidade do nosso conforto?

Tudo parecia perdido: com Ele faltava a força que guiava, incitava; faltava a luz para iluminar os cegos, a energia que aquecia e arrastava.

Estava tudo realmente perdido? Que fariam os prosélitos sem a coragem de prosseguir na luta por aquela fé, que vacilava como a trêmula chama de uma vela ao sopro potente de um furacão?

Não, Jesus estava morto, mas o Cristo vivo e eterno esperava que as centelhas do seu Fogo vital se dissolvessem no astral do mundo para que completo fosse o triunfo.

Sua palavras, esculpidas nos Céus, semelhantes a astros cada vez mais resplendentes, assinalariam o caminho da Humanidade, marcando as etapas gloriosas daqueles que Nele viveram e acreditaram. Eles não poderiam, pois, se dispersar, como não se pode perder luz nenhuma originária dos céus. Para isso demonstrar, Jesus amadureceu um outro, e não o último, dos seus prodígios.

Quis que o Sudário em que foi envolvido trouxesse, com a marca perfeita do Seu corpo, os sinais inapagáveis das chagas dolorosas infligidas pela crueldade do homem e a majestade serena da Sua morte. Este emblema doloroso da paixão se tornaria a prova tangível mais discutida e refutada da Sua religião.

Também, em outro linho, ao longo do calvário, havia deixado impressa a imagem augusta da Sua face, o sinal inconfundível do humano sofrimento, da renúncia total e da agonia consciente. Não obstante a dolorosa humanidade Daquela efigie, o reflexo vivo da Sua potência estava ali e se destacava na aura sanguinolenta da face que Verônica apertava ao peito

como a mais sagrada das relíquias, a mais bela das lembranças.

Estavam ali os últimos prodígios realizados por Ele em vida e que pareciam gritar: **"Eu Sou! Eu Sou aquele que veio para salvar-vos e que desconhecestes!"**

Era a muda voz da Eternidade, a lúcida admoestação de Quem, colocado na borda do abismo, pronto a transpô-lo, sabe que entra na luz da suprema consciência. Era a resposta a quem não soube compreender : aos juízes do Sinédrio e aos doutores do Templo de Israel, a Cesar e Pilatos, a Herodes e a toda a Humanidade :

"Eu Sou Deus ! Eu sou o Coração do Universo e o Amor Infinito que vós sacrificastes no altar da vida. Não mais podereis esquecer-Me, porque deixarei na vossa lembrança a herança do Meu calvário, as gotas luminosas do Meu sangue, a luz do Meu espírito, a sombra da Minha imagem, o eco dos Meus ensinamentos. Nesta sobre-humana herança, reconheceréis a Potência que Me enviou ao vosso plano de dor para redimir-vos e, então, recordando-vos de Mim, recorrereis sempre com segurança àquele amor que vos dei na hora do sacrifício em troca da amargura que me destes, a fim de que se cumprissem as Sagradas Escrituras. E para que essas se cumprissem integralmente, desci aos mundos ocultos da vida através da própria vida, e ascendi na Vida transcendendo e exaltando a morte."

Manifestava, assim, o aspecto absoluto da Sua divina expressão: o dominador da vida no reino dos homens, onde o fulgor do Seu espírito triunfante jamais se apagaria; e o dominador do espírito além da vida, na chama ardente da sua luz, onde se extinguiriam os desejos humanos, ambições e satisfações terrenas.

Banhado pelas desesperadas lágrimas de Maria, a Virgem Genitora, a pura Sombra, de Maria Cleofas e Maria Madalena, três corações partícipes da Sua vida terrena e palpantes ainda Nele e por Ele, o sepulcro, inviolável símbolo da morte, devia tornar-se símbolo da ressurreição espiritual.

Assim passou a noite.

Horas lentíssimas, nas profundas trevas sem estrelas, escorriam sobre o mundo e gotas avermelhadas de orvalho assinalavam o ritmo do tempo, enquanto quatro centuriões postos por Herodes e Pilatos à entrada do hipogeo, símbolos inconscientes do drama material, tremiam ao frio das primeiras horas da alvorada.

Pilatos desejava que a Guarda romana vigiasse o túmulo temendo a reação dos prosélitos do Cristo, que poderiam fazer explodir a sua dor num ato impensado; Herodes, por seu lado, temia o fanatismo dos discípulos até ao ponto de serem levados a roubar o corpo do Mestre para alimentar a fé nas multidões.

A idéia, porém, não foi sua, mas imposta pela Divina Vontade para que alguém presenciasse e testemunhasse a ressurreição de Jesus. O seu desejo obedeceu a uma ordem misteriosa, sobrenatural como sobrenaturais haviam sido os acontecimentos que teceram o advento messiânico do Cristo, da Sua descida à Sua ressurreição e ainda mais ligados pela Vontade infinita ao infinito desejo de evolução.

Como se sentirá a multidão depois de haver gritado "Crucificai", depois de ter vilipendiado e ultrajado o "Homem" e O haver ferido com o desprezo da sua incredulidade, ao se encontrar diante da régia manifestação da Divindade?

Aturdida pelo impulso que a havia impelido a gritar e invetivar, a multidão, atemorizada pelo insano ato praticado, corroída pela dúvida dos fracos, ter-se-ia

perguntado: "E se fosse realmente um Deus? Se fosse verdadeiramente um justo posto na Cruz, que nos acontecerá?"

Certa vez os discípulos haviam perguntado ao Mestre: "Mestre, por que Te chocas sempre com tanta violência contra o Imperador e Herodes? For que és tão áspero com os fariseus? Não receias combater a potência de Herodes em Jerusalém, a potência dos Doutores do Sinédrio e, ainda mais, a potência de Roma?"

Jesus respondeu: ***“Vede, lá brilha Jerusalém com os seus templos, os seus palácios de mármore, de cúpulas laminadas de ouro e de pedras preciosas na vã tentativa de igualar-se ao esplendor dos céus; dela não restará pedra sobre pedra e somente três dias serão necessários para destruir e reedificar o seu Templo!”***

Esta frase interpretada de modos diversos era a revelação de uma profunda verdade, incompreendida pelos próprios Apóstolos.

Quando Jesus predisse que bastariam três dias para destruir o templo e a potência hebraica, se referia aos três dias que intercorreriam entre Sua morte e ressurreição. Três dias, de fato, foram suficientes para que a Sua palavra triunfasse e o precipitar dos acontecimentos tornasse uma realidade a queda do Templo de Sion, a ruína de Jerusalém, a decadência de Roma e para que do sangue dos mártires surgisse a nova fé; a apoteose do espírito na ressurreição da carne se iniciava.

Os acontecimentos haviam amadurecido: o drama humano, atingido o ponto máximo do sacrifício, terminado o seu ciclo de dor, deixava lugar à apoteose divina.

Os personagens haviam vivido a intensidade das suas paixões e pelas suas paixões haviam pagado.

O traidor, passado o instante de loucura, compreendido o horror do seu ato, procurou na morte o resgate da culpa que o queimava no íntimo da consciência.

"Judas! Judas!" Pareciam perguntar as mil vozes sem eco da natureza. "Judas! Judas! que fizeste do Teu Mestre? Judas, traidor do Filho de Deus, por que vendeste por trinta siclos o Filho do Homem?" parecia murmurar o vento, admoestar o céu, gritar o sol, chorar a terra.

Obsessionante angústia a sua, alma sem paz queimando-se por entre as chamas inextinguíveis do remorso.

Ó Deus, sê piedoso com quem foi o executor material do sobre-humano sacrifício e perdoa aquele que foi o artífice inconsciente da realização das Sagradas Escrituras, com Herodes Ascalonitas e Herodes Antipas que já pagaram pelos delitos praticados pela sua humana soberba.

Agora que o túmulo se fechou sobre o corpo dilacerado de Jesus e o espaço parece caído dos céus. Agora que o Logo do Seu Coração imenso roubado à Vida se dissolve no nada das trevas sem respiração, onde flamejam *in eterno* o Seu hálito, elevai os olhos ao céu do vosso espírito e nele procurai a razão pela qual Deus, Filho do Homem, Filho de Deus se sacrificou.

Procurai-a, porém, profundamente, não na idéia mesquinha das vossas culpas, das vossas ações mais ou menos dirigidas aquela fé que fez do Cristo o mártir de uma religião humana, mas no gigantesco conceito que abarca o infinito do tempo e do espaço, na imensidade da evolução nos planos do existir, naquele divino supremo plano esotérico da região cósmica, por cuja realização no plano

humano gotas de verdade foram prodigalizadas através de eras sem fim.

Buscai-a na totalidade de Deus e na Sua razão de existir no criado, nos símbolos da vida os quais, exprimindo a Sua vontade, se manifestaram naquelas projeções através das quais Ele procurou fazer-vos entender o Seu Verbo, o Verbo de "Ser o Eu Sou" parte dele, consciência e pensamento do Nada na consciência e no pensamento do Todo.

Compreendereis, então, como no Cristo Ele apresentava o sacrifício do homem na cósmica divindade da vida e o sacrifício da divindade na microcósmica humanidade crucificada na flamejante cruz do ser e existir: ser e existir na dor, ser e vir a ser na glória da Grande Luz.

E cada coisa posta na justa projeção mostrará a preciosa trama da revelação, e o sentido hermético do Mistério Perfeito adquirirá consistência real ao ponto de resolver os tormentosos problemas do espírito e responder integralmente a todos os "por quês" incompreensíveis e insondáveis, não porque ele impeça de conhecê-los, mas porque é necessário atingi-los com a consciência e com a alma antes de compreendê-los com a razão e com o espírito.

Hoje o vosso espírito põe-se em relação com aquele sábado, 14 Nisan, no qual o Cristo foi sepultado. Realizando um salto retrospectivo no tempo para atingir e reviver imagens eternamente vivas no eterno presente o pensamento sente a realidade da dor vivida e o espasmo que o drama do Mestre suscitou nos vossos corações.

Como diversa se vos apresenta agora a visão real da herança por Ele deixada no mundo no símbolo triunfante da Cruz; que concepção diferente assumem as premissas da agonia por Ele vivida então e hoje esplendentes de realizações.

Por aquela nova concepção do espírito o Redentor resplende ainda mais na divindade da Sua luz e o Verbo, do qual Ele foi o intérprete maravilhoso semeado pelo augusto pensamento nos caminhos da Humanidade, oferece sempre e cada vez mais grandiosas flores e frutos preciosos com os quais o espírito se saciará e dessedentará.

Da sabedoria que Ele deixou como herança nascerá a árvore da ciência do Bem e do Mal e quando o homem aprender a separar o bom do mau, desfazendo o nó górdio da materialidade, poderá empreender o grande vôo para os confins do conhecimento.

Dele, do Seu sacrifício, aprendeu a lei da dor, aprendeu, a saber, viver e morrer, a sentir-se filho do Homem, mas, sobretudo filho de Deus, porque da Humanidade Ele fez um único corpo submisso a uma única lei, do pensamento à soma das vontades na vontade do Pai, do mal à causa do perdão, e da existência à escola inesgotável da humildade e do amor.

Por isso, hoje, impregnados do Seu Espírito e da suprema mensagem a nós enviada das profundidades da Sua cósmica existência, oramos intensamente, como intensamente nos fez viver Nele:

"Ó Pai ! Ó Filho ! Ó Espírito Santo !"

"Ó Luz ! Ó Sombra!"

"Ó Essência ! Manifestação Pensamento ! dá a Teus filhos e irmãos a força para superar as efêmeras aparências da ilusão e reconhecer em Ti a verdadeira e única fonte da vida. Assim seja".

DOMINGO DA RESSURREIÇÃO

Enquanto sobre as coisas e sobre os seres abatidos pelo potente Mal dos acontecimentos parecia gravar-se o peso da noite com toda a sua treva, as primeiras horas do domingo haviam já começado a anunciar o novo dia.

Lá em baixo, na distância sem estrelas, a invisível tempestade, reflexo daquela desencadeada sobre a terra pelas paixões, que torturavam ainda com suas ocultas reações a própria estrutura do espaço, parecia aplacar-se.

Depois, muito lentamente, no alto dos céus, o brilho das constelações se acendeu e, sulcando o abismo tenebroso, beijou levemente o horizonte terreno com a advertência silenciosa e potente da sua voz de luz.

Naquele imenso vórtice de esplendores, quatro estrelas, formando uma cruz, pareciam irradiar mais intensamente como a glorificar, no sinal das supremas iniciações do espírito, o símbolo sobre-humano da vida mortal, o Mistério Perfeito, o Mistério que, encerrando cada aspecto, o gera, o permeia, o vitaliza, o faz Seu Hálito, Sua Vida, Seu Verbo.

Na aparente nulidade do túmulo, na obscuridade sem som, sem movimento e sem significado, o pensamento messiânico parecia anulado. Muda era a voz que havia pregado no deserto.

"E, entretanto - indagava a angústia dos fiéis ressuscitando os mortos, dando a vista aos cegos, a palavra aos mudos, a liberdade dos movimentos aos paralíticos, limpando os leprosos das suas chagas, libertando os endemoniados, curando corpos e

espíritos, oferecendo a luz aos que se achavam nas trevas, tu, ó Rabi, deste plenamente a medida da Tua potência Por que, então, não quiseste para defender-Te e salvar-Te?"

Porque Ele, luz sem ocaso, capaz de fazer tremer de emoção o espírito dos homens com a augusta força da Sua palavra, de realizar prodígios maravilhosos, aplacar a ira das águas, caminhar sobre elas, por-se em contato com o Pai, não quis lançar esse poder contra a Humanidade, inocente, apesar de culpada.

Sabia que para Ele se abriam as portas da eternidade porque os limites humanos podia vencê-los somente eliminando a morte com a ressurreição do Homem do abismo tenebroso. Sabia que Michael, o Arcanjo da Espada fulgurante, guiando o Seu calvário, havia escrito no Livro dos Destinos a dor divina e a dor humana fundidas no mesmo sangue, a fim de que as palavras arcanas do mistério profético se realizassem sobressaindo no sinal fatídico da Cruz. Sabia, ainda, que aquele símbolo, transportado da glória dos céus e transmitido aos 12 profetas que evocavam a Suprema Lei, seria o sinal do Homem e do Seu sacrifício.



Uma aurora virginal surge na primavera palestinese. O horizonte, no oriente, começa a tingir-se de claras pinceladas de luz como se o infinito enviasse, com seus esplendores, a benção de um acontecimento maravilhoso.

Tonalidades suaves de pérola preanunciam que, dentro em pouco, o espaço será, incendiado pelos violentos revérberos do sol. A oeste, pelo contrário, a franja das sombras, arrastada pela noite no seu vôo

para o ocaso, desaparece lentamente varrendo o céu dos tristes e angustiosos véus do dia anterior.

Parece que toda a natureza canta o amor eterno e enche o céu e a terra de uma indizível promessa.

Apesar disso a terra treme, sacudida por um surdo troar subterrâneo.

Que será? Que sobre-humana esperança sacode em profundidade a mãe terra com a sua força ignota? Talvez a Espada de Mickael para fazer rolar a pedra do sepulcro fulgurou nas suas entranhas tenebrosas?

Prodígio dos prodígios para o homem que não pode medir o Poder que suscita o criado e sustem a infinidade dos astros.

Inclina-te, ó homem; Ó Deus, ressurge! O fulgor do Seu espírito e dos três Anjos resplendentes que O seguem entrará no mistério das coisas, na perfeição suprema! E parece dizer ao mundo:

"Eu sou a palavra da Vida e da Verdade: entrei no vórtice doloroso das encarnações somente por vós, efígies imperfeitas da Beleza divina, para oferecer-vos os mistérios simbólicos que representam a alma da doutrina cósmica, cujos radiosos esplendores procurei fazer ressurgir em vosso íntimo. Eis-Me, ainda, aqui, para estigmatizar in eterno a falsa autoridade sacerdotal que não quis reconhecer no pensamento dos Profetas o triunfo do invisível templo da religião universal.



Maria caminhava para Jerusalém. Algumas flores do campo e vasos de unguentos e de perfumes enchiam sua sacola. Chegando ao sepulcro onde Jesus estava enterrado, chorando, aproximou-se do túmulo. Este, porém, estava aberto e vazio. Entrou.

De repente, ouviu que a chamavam: "Maria!" Voltou-se, com o coração em tumulto. Havia reconhecido a inconfundível voz, grave e doce do Mestre. Possível? Exultante, esqueceu o amargo objetivo que naquela hora matutina a havia levado ao Monte Calvário e, assim, desvaneceu-se a recordação dolorosa da morte de Jesus.

Envolto em uma cândida túnica, resplendente, o Profeta estava ali diante dela, a poucos metros, vivo, com a fronte alta e espaçosa radiante na coroa de cabelos dourados, o azul de seus olhos brilhando intensamente como um límpido céu. Isto lhe bastava, a enchia de felicidade. Aproximou-se com alegria: "Raboni!", exclamou, tremendo de emoção, num movimento de atirar-se aos Seus pés; mas uma força ignota fê-la deter-se.

"Não te aproximes, Maria", disse Jesus. "Fica onde estás. Eu sou e não sou ainda. Vá em busca de Meus irmãos e anuncia que esta noite estarei com eles no Cenáculo antes de subir ao Meu Pai e vosso Pai, ao Meu Deus e vosso Deus."

Antes de afastar-se Maria tentou ainda abraçar os joelhos do Mestre, mas a figura resplendente desapareceu e, em seu lugar, tremulou semelhante à poeira luminosa, uma infinidade de centelhas, como um raio de sol fragmentado em miríades de pontos de luz, um uma maravilhosa sinfonia iridescente.

"O Meu Pai é vosso Pai, o Meu Deus é vosso Deus", Ele havia dito.

Mas se a última palavra pronunciada pelos lábios do Mestre com Ele desaparecera no ambiente circunstante, o sentido incomunicável e inconfundível permanecia ali, suspenso no silêncio imóvel da cripta, envolvendo o coração de Maria no inexprimível mistério da Sua imortal certeza.

Como havia chorado! Quantas lágrimas derramara sobre o corpo martirizado do seu Rabbi! E agora pudera vê-Lo sereno, austero na Sua majestade e espelhar-se na Luz preciosa daqueles olhos de céu, em cujo azul havia intuído um mundo maravilhoso: o mundo arcano do espírito, sobre-humana verdade que transcende a vida e vai além da morte, como Ele havia prometido.



No segredo do Cenáculo a sua palavra trouxe o incrível acontecimento e uma nova esperança irrompeu nos corações: "Jesus ressuscitou!"

Mil vozes sussurravam, mil corações fremiam cheios de alegria, de incredulidade ou de terror.

"Jesus ressuscitou? O Filho do Homem é então o Filho de Deus? O Nazareno não morreu? O Galileu voltou para vingar-se de nós? Virá, Ele talvez para instaurar o novo reino de Israel como havia preanunciado?"

Quantas opiniões, quantas hipóteses em choque, afirmativas ou deformativas da verdade, circularam naqueles dias!

Qual será a verdade? Que trará o mistério daquela ressurreição?

A idéia messiânica ressurgia com o Profeta, mais forte, mais potente de que antes, e fluía como um rio

vivo e fresco daquele sepulcro onde pensaram sufocá-lo, irrompendo irresistivelmente em mil revelações.

E os espíritos corriam a dessedentar-se, inebriados, a sua frescura, mesmo se a forte impetuosidade da corrente os impelia sobre as pontas agudas da humana crueldade, para o sacrifício total de si.

Retornavam Nele, ensimesmavam-se na Sua Paixão, por Ele se ofereciam em holocausto sobre a cruz da vida, para que a Sua palavra triunfasse.

Os três Poderes Arcangélicos do Espírito Santo, agentes ocultos do drama universal, tornando possível as moléculas, que compunham o corpo do Redentor vitalizadas pela divina energia, astralizar-se no éter, perpetuaram a aparência física da idéia projetada às futuras civilizações.

Na Alma do Mundo permanecia impresso o símbolo humano e divino daquela imagem, farol, luz e advertência para os homens, filhos do Pai, porque aquelas centelhas solares constituíram o elemento primordial dos futuros mártires.

Na noite que se seguiu a ressurreição, todos os discípulos vibrantes de emoção, reunidos no Cenáculo, esperavam. Não sabiam como Ele se manifestaria; não sabiam como viria e se viria; mas esperavam e aguardavam.

A expectativa se tornava cada vez mais tensa. Curiosidade e incredulidade se alternavam nas conversas em voz baixa. Não poderia Maria ter sonhado ou haver sido presa de uma alucinação?

Subitamente uma pancada na porta fê-los sobressaltar. Sensações as mais diversas de temor, esperança e alegria vibraram nos seus olhos e, depois, a augusta figura do Mestre apareceu fulgurante diante de todos.

Mudos, atônitos, O contemplaram enquanto dos seus corações, cheios de amor e reverência, subia a expressão tumultuante e incontida dos sentimentos. A Sua presença viva, verdadeira, após a morte os fascinava mais do que, se empregando um ato violento, se houvesse esquivado aos Seus algozes.

A luz sobrenatural dos Seus olhos acariciou as cabeças dos discípulos e, envolvendo-os em uma mística atmosfera, penetrou o fervor do drama íntimo suscitado pela Sua presença.

Não, não era uma figura etérea, evanescente, aparentemente real, porque apesar da luminosa e clara fosforescência que dele se desprendia, aquele corpo, transcendente, puro na sua imanência, parecia sólido e palpável como se nas veias corresse sangue e o coração palpitasse.

ERA O MESTRE VIVO E VERDADEIRO!



Foi a descrição deste aspecto vital feito por aqueles que haviam assistido a aparição, que levou um dos discípulos a duvidar da ressurreição de Jesus.

Era um acontecimento tão extraordinário que a sua razão recusava aceitar.

"Seria possível? Talvez não tivesse morrido! Mas, como, se eu mesmo, com meus olhos vi crucificá-Lo e morrer sem esperança na cruz e vi a lança do soldado traspasar-Lhe o flanco!

Teriam, por acaso, confundido o Mestre com alguém que se Lhe assemelhasse? E não poderia ser, ao contrário, um enviado do Sinédrio, sob as falsas

aparências do Nazareno, que se queira aproveitar da credulidade dos Seus discípulos para descobrir-lhes o refúgio e vendê-los, como Judas o fez com Jesus?

“Se não vir as chagas feitas com os cravos e não puser a mão no Seu flanco, não acreditarei nesses absurdos boatos”, dizia.

Entretanto, não obstante a sua incredulidade, aquele pensamento o torturava e a ânsia e a incerteza nele permaneciam.

Somente a presença viva do Mestre teria podido dissipar aquelas dúvidas.

Quando Ele se encontrou novamente entre seus discípulos, com a sobre-humana sensibilidade do Seu espírito ao qual nada fugia inclusive a íntima luta de Tomé, disse-lhe:

"Sou Eu, sou Teu Mestre! Queres ver e tocar as chagas produzidas pelos cravos e a ferida do Meu flanco? Ei-los, põe aqui a tua mão e convence-te, então, do Meu retorno a vida. Não sejas incrédulo, Tomé, mas acredita sempre nas palavras de Deus e dos Seus profetas sem necessidade de uma prova, porque os incrédulos deverão superar muitas encarnações antes que a luz da verdade possa iluminar as trevas do erro nas quais vivem."

"Ó Senhor, Senhor meu Deus, perdoa-me!" exclamou Tomé, perturbado, "eu creio". Docemente, Jesus lhe respondeu: ***"Acreditaste porque viste Tomé. Bem aventurados aqueles que não viram e creram."***

*

A realidade da Sua presença não mais podia ser desmentida. A Galiléia toda dela tinha conhecimento e, de um extremo a outro, vibrava o frêmito incontido do Seu pensamento messiânico. Os lugares, onde havia exercido o Seu Apostolado terreno, iluminado pelas aparições, tiveram o conforto de abeberar-se ainda dos sobre-humanos ensinamentos que a luz do Seu espírito espargia sobre o mistério da vida.

A beleza do Seu verbo triunfava, e os discípulos Lhe consagraram suas vidas iniciando, sob o influxo do Espírito Santo, a sua missão, consciente de caminhar para o martírio.

*

Analisemos, agora, o aspecto maravilhoso deste acontecimento e de todos os demais que a Divindade realiza no plano terreno.

Como vistes, toda idéia moral e religiosa nasce, se propaga, se agiganta somente se aquele que a defende, além de possuir uma personalidade excepcional, capaz de dominar as massas, é ainda, um enviado da Divindade para levar a cabo aquela missão, inspirador da idéia do Verbo no coração dos homens.

Unicamente estas premissas dão aos divinos Enviados a possibilidade de superar o humano e atingir o sobre-humano, do qual alcançam a máxima expressão ao término do seu ciclo terreno, depois de haver proclamado a verdade de um Verbo que, aparentemente novo, é, em realidade, tão antigo quanto a criação; depois de haver fecundado a obra com gotas de sabedoria destiladas do contínuo

sacrifício da existência e da chama do pensamento, exaltado quase sempre no supremo holocausto.

Para estas criaturas a missão não é certamente fácil em princípio: a luta entre o humano, no qual desceram, e o divino, vibrante neles, se apresenta terrível. Uma batalha sem quartel com o "eu" e a razão de existir é afrontada até quando o homem se sente exclusivamente homem diante da sua humanidade. Superada a prova, porém, terminado o período torturante da incerteza, o corpo perde a sua real importância e o homem enfrenta o destino que lhe foi confiado. Daquele momento em diante ele se torna tão somente um instrumento a serviço da Obra de Deus, um demiurgo, um messias, um profeta, um iniciado, um mestre, um mártir.

O próprio corpo, por ocasião da morte, torna-se o veículo sagrado da idéia messiânica e cada átomo seu saturado do raio da divina revelação, transmitirá com a nova doutrina, às sementes futuras da luz da Verdade.

Assim, quando o seio de Maria foi fecundado pelo Espírito Santo, a centelha energética solar de Jesus, para preparar o corpo do Cristo necessário à missão a ser cumprida na Terra pelo Filho de Deus¹ atraiu milhares de centelhas a fim de que participassem da Sua Forma. Aquelas centelhas, por isso, faziam parte do destino planetário estabelecido pela Divindade, cuja influência devia pesar sobre a Humanidade toda, abraçando não somente o karma sobre-humano de Deus no plano da dor, mas também o cósmico no plano da evolução.

¹ A centelha energética solar de Jesus era necessariamente o meio físico indispensável para que a força do Espírito divino se manifestasse através do Filho de Deus antes, e a Idéia triunfasse depois, na vida e na morte do Cristo, Filho do Homem.

Em Jesus, Filho do Homem, encontramos o Cristo espiritual e em Jesus, Filho de Deus, o Cristo divino, exprimindo no corpo, na ação e no pensamento o espírito do Cristo planetário, universal e cósmico.

Deviam, pois, viver uma infinidade de vidas em uma, e mil tormentos no contínuo tormento do Redentor.

Viveram, sofreram, morreram e ressurgiram por isso conscientemente no Cristo, sob o influxo daquela Idéia Preciosa da qual haviam sido invólucro mortal e se tornaram as sementes maravilhosas daquelas criaturas que lutaram e se sacrificaram para difundir a palavra do Mestre.

Depois da ressurreição, do Messias, daqueles lugares onde Ele havia vivido amado e sofrido, as centelhas formaram o Raio primigênio do Verbo, transfundido no pensamento dos cristãos por elas animados, heróis sublimes da fé, que ensaguentaram as arenas de Roma Imperial, sacrificados cruelmente no altar daquele ideal do qual Cristo foi a primeira vítima imolada.

O corpo de Jesus, multiplicando-se ao infinito naqueles dos mártires, difundia o raio de amor suscitado pela gigantesca vontade do Redentor.

Isto explica a serena coragem dos cristãos ao afrontar o martírio, para não abjurar a fé pela, qual lutavam e morriam. Partícipes do Cristo, eles já, haviam superado o terror da morte e se sentiam felizes de reentrar na luz da Sua vida imortal para se transmutarem nas infinitas novas formas da Sua poliédrica verdade.

Como vedes, pois, a idéia, vibrando inicialmente, torna-se uma realidade, propaga, espelha uma chama que ninguém pode apagar, senão a própria Divindade quando, superada a Sua missão naquele plano, prepara uma nova emanção do Seu pensamento acessível à mentalidade humana já madura em virtude das passadas experiências e por isso capazes

de compreender o Raio do Verbo, expresso em formas cada vez mais elevadas e perfeitas.

*

A Grande Tragédia, a Tragédia narrada por todos os povos e em todas as línguas, está terminada.

Deus vigia a Humanidade. A Sua voz é a vida e a vida é o sentido recôndito da Sua vibração; penetra em vós através de Mim, ou através de qualquer criatura, como um eco. Vibração que não se extingue porque é eterna como eterno é o movimento do mar, como eternos são o Infinito e o Espaço, como eterno é o movimento das estrelas.

Cada coisa traz consigo uma harmonia, uma harmonia que se renova sempre no perene hálito de Deus. Vós viveis nesse hálito, viveis nele e por ele e, interiorizando-vos, podereis encontrar Deus, sentir o Seu palpitar arcano, o Seu frêmito que, vibrando nos corações, une todos os seres em um só: a unidade tenazmente propagada pela religião do Cristo.

Em virtude dos Seus princípios aprendestes a caminhar na estrada do espírito de verdade, e amar, ter fé, confiar e, por todas essas virtudes, vos encontrais hoje nos umbrais da revelação.

Vede Meus filhos, Eu poderia chamar-vos pelo vosso nome de então, poderia dizer-vos de que modo participastes do Corpo Divino, quais formas foram animadas pelo vosso hálito, em quais existências errastes e muito mais ainda. Mas, para que recordar tudo isso? Não deveis jamais voltar-vos para o passado, dado que viveis no eterno presente. É necessário viver para aquilo que fazeis e que fareis e

não pelo que já realizastes: afrontar, isto é, a vida e a morte com toda a consciência pela Obra Eterna.

O Cristo se manifestará ainda na forma negativa e a Sua ação será coadjuvada pela força positiva do Espírito Santo, a fim de que a Terceira Era, a última, seja realizada. É necessário, pois, que o homem empenhe todos os seus esforços para que da sua morte, da vossa morte, nasça a idéia renovada do Espírito triunfante.

A nova centelha deve nascer desta idéia; a nova ciência deve brotar desta idéia e a nova geração deve surgir desta idéia e do sacrifício de Quem realizou esta idéia.

E assim como ela se renova sempre com ritmo imutável, nós nos encontraremos unidos outra vez, como agora. Recordaremos, então, estas noites, assim como hoje recordamos aquelas noites. Viveremos este acontecimento, como nestes dias vivemos aquelas do passado.

Hoje estamos próximos da uma nova aurora. No céu vagam nuvens ameaçadoras, mas, para além da cortina opaca, o radiar do sol é sempre intenso. Com a mesma luz brilhará a alma de quem na fé sente vibrar a suprema beleza da palavra muda.

O coração cessará de bater, o corpo terminará o seu tempo, mas o palpitar arcano que vos faz partícipes da vida transmutará com a mesma intensidade o pensamento que foi vosso e será vosso novamente nos futuros ciclos que o espírito animar. Como o sol no seio infinito, assim para o vosso espírito novas alvoradas e novos crepúsculos acenderão e apagarão o vosso dia.

E agora fazei Comigo esta invocação:

"Ó Luz, Poder Supremo! Ó Sombra Incriada Onipotente, alimento da nossa vida e da nossa morte, fazei com que possamos realizar em Ti tudo aquilo que o Teu onipotente Pensamento nos ordena. Assim seja."

ESTE LIVRO É PUBLICADO
COM O CONSENTIMENTO DA
**FRATERNIDADE BRANCA UNIVERSAL DO
ARCHANJO MICKAEL**
1939 - 2011